



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO – LINGUAGEM E CÓDIGOS**

MARCELO SOARES SILVA

**MARCAS DE ORALIDADE NOS TEXTOS ESCRITOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL GRANDE ESPERANÇA KM
50: UM OLHAR VARIACIONISTA**

BRASIL NOVO/PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586m Silva, Marcelo Soares
MARCAS DE ORALIDADE NOS TEXTOS ESCRITOS DE
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
ESCOLA MUNICIPAL GRANDE ESPERANÇA KM 50: UM
OLHAR VARIACIONISTA / Marcelo Soares Silva. — 2019.
22 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Oralidade, Escrita, Variação linguística e Língua
Portuguesa . I. Título.

CDD 469.152

MARCELO SOARES SILVA

**MARCAS DE ORALIDADE NOS TEXTOS ESCRITOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL GRANDE ESPERANÇA KM
50: UM OLHAR VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação do Campo, com ênfase em Linguagem e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, orientado pelo prof. Dr. Marcelo Pires Dias.

BRASIL NOVO – PA

2019

RESUMO: O presente artigo busca discutir a variação linguística e as marcas da oralidade presentes em textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Grande Esperança, assim como refletir sobre a visão dos professores acerca do fenômeno da variação na escola. Para isso foram realizadas observações em sala de aula, aplicação de questionários com os professores de Língua Portuguesa. Observamos que os alunos apresentaram, em seus textos, um conjunto de marcas de oralidade que refletem fenômenos variacionistas e que há diferenças no tratamento da variação entre os professores.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Variação linguística. Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. MATERIAIS E METÓDOS.....	06
2. DIVERSIDADE LINGUISTICA NA ESCOLA.....	08
3. O ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	10
4. A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA.....	12
5. A VISÃO DAS PROFESSORAS SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	18
APÊNDICES	19

INTRODUÇÃO

Muitos professores ainda não estão acostumados a lidar com as variedades linguísticas dos nossos alunos, sobretudo a variedade popular ou norma popular da Língua Portuguesa. Com base nos estudos sobre variação, desenvolvidos por pesquisadores da Sociolinguística, é possível perceber que os falares apresentados por nossos alunos fazem parte de uma cultura que está sendo desconsiderada ou mesmo estigmatizada.

Por estarem familiarizados com diferentes variedades, os alunos ao produzirem seus textos escrevem da mesma forma que falam uns com os outros e isso pode ser um problema para muitos professores que não sabem lidar com essa situação. Ao tratar sobre o assunto da diversidade linguística com os alunos, o que queremos basicamente é que eles compreendam a diferença de uso de uma determinada variedade, ou seja, a norma padrão (canônica) e a variedade popular ou coloquial, assim como saber como e quando usá-las.

Atualmente, é possível observar elevado grau de preconceito linguístico quando o aluno pronuncia palavras maneira que os próprios colegas e até mesmo professores desconhecem. Às vezes tal preconceito começa dentro da própria casa.

O debate sobre a diversidade linguística contribui para esclarecer e combater tais preconceitos, além de apresentar olhares diferentes para a fala do outro, e que o professor, principalmente o de língua portuguesa, busque ensinar que essa diversidade linguística é natural e que não pode ser desvalorizada, mas sim explicada, para que os alunos consigam compreender a diferença entre a linguagem oral usada entre conversas de colegas, famílias e outros para a norma padrão culta, utilizada, por exemplo para um trabalho formal escrito e apresentações de trabalhos em classe.

A problemática abordada acima foi observada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Esperança km 50, pois, durante os trabalhos de pesquisa de campo os quais chamamos de Tempo Comunidade, acabamos nos deparando com situações onde os alunos interagiam ou dialogavam de uma maneira e escreviam da mesma forma no caderno. Em relação a esse fato, alguns dos professores ficaram surpresos e passavam às vezes a corrigir publicamente a fala (e a escrita) dos alunos na frente dos colegas.

O Tempo Comunidade é o momento em que os estudantes de Licenciatura em Educação do Campo retornam para suas comunidades de origem para realizar pesquisas de

campo, retratando determinada realidade, tanto da escola quanto da própria comunidade, as quais possibilitem discussões em sala de aula, para que no futuro essas discussões gerem indicativos de possíveis soluções para os temas investigados.

Neste trabalho darei destaque para as pesquisas feitas com os professores de língua portuguesa, além das observações realizadas em sala de aula no 9º ano do ensino fundamental, observando as marcas da oralidade presentes nos textos dos alunos e a visão dos professores sobre a variação linguística na escola.

1 MATERIAIS E MÉTODOS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Esperança está situada no km 50 Rodovia Transamazônica BR-230 e foi construída pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1970. Na época da sua construção a escola era, inicialmente, estruturada em um modelo tipo galpão feito de madeira e atendia crianças que viviam no campo. No ano letivo de 2019, a escola passou a atender uma grande demanda de alunos oriundos de várias localidades, a exemplo das vicinais 17 e 18.

Os dados utilizados neste trabalho são oriundos do Tempo Comunidade realizado na escola supracitada. O Tempo Comunidade é de suma importância para os educadores do campo, pois é onde nos dedicamos a coletar dados para realizações de trabalhos acadêmicos é nesse momento onde retomamos ao nosso ponto de origem, as escolas do campo para entender as problemáticas surgidas em sala de aula, buscando sugerir melhorias, como metodologias que ampliem o conhecimento dos alunos, ajudando também a escola a entender a sua própria realidade.

De acordo com Verdério (2018):

[...] O tempo universidade e o tempo comunidade, e a relação entre ambos, são concebidos como espaços de práxis e, assim, das relações entre teoria e prática e entre trabalho manual e trabalho intelectual. Neste aspecto a pesquisa é compreendida como um contínuo que integra todo processo formativo, em que reflexões coletivas são produzidas como parte de processos de compreensão e intervenção mais qualificados na realidade (VERDÉRIO, 2018, p. 165).

Imagem 1: Escola Municipal Grande Esperança



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Participamos da observação das aulas da turma do 9º ano e com base nessa observação, aplicamos um questionário semiestruturado. De forma qualitativa observamos que os alunos apresentavam dificuldades com a escrita, inclusive com a elevada presença de marcas da oralidade no texto escrito, ou seja, eles escreviam da mesma forma que falavam, desconsiderando determinadas convenções da escrita.

De acordo com a problemática dita acima, nosso objeto de estudo principal passou a ser a variação linguística presente nas marcas da oralidade na escrita dos alunos, onde aprofundamos nossos conhecimentos, tendo como principal ajuda os próprios professores de língua portuguesa que vivenciam essa realidade todos os dias em sala de aula. Durante as aulas, os alunos faziam seus textos que depois seriam analisados pelos professores. Os mesmos faziam algumas correções para que os alunos depois pudessem observar e reescrever novamente sua produção.

Mediante ao tema marcas da oralidade na escrita, os professores trabalharam com os alunos a variação linguística para entender um pouco sobre determinadas variações que os mesmos utilizam em seus referidos trabalhos escolares. Para isso, foram utilizados cartazes produzidos pelos alunos e que foram apresentados em sala de aula.

É importante destacar que a escola na qual realizamos a pesquisa é um espaço confortável, onde os alunos têm a oportunidade de se sentirem à vontade e de aprenderem muito mais, pois, observando a escola foi possível perceber que as salas possuem pequenas estantes com livros onde os professores trabalham a leitura com os alunos, portanto, trata-se de um espaço acolhedor. Diferentemente da maioria dos estabelecimentos de ensino da região, a escola possui uma biblioteca e os alunos se sentem tem a oportunidade de escolher seus livros para lerem em casa.

2 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Em vários momentos do dia a dia escolar, em sala de aula, é possível ouvirmos alunos dizendo: “min empresta o lápis amarron” ou “ontem nós fumos pra igreja”, esses e muitos outros exemplos da variedade popular da língua portuguesa são presenciados diariamente na escola.

De acordo aos PCN:

[...] Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mas ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p.29).

O professor deve ter em mente que cada aluno tem sua forma do falar, que não pode ser ignorada, mas que deve ser trabalhada com o objetivo de saber distinguir qual o momento adequado para usar a norma padrão ou aquilo que já estão acostumados a falar no dia a dia.

O docente pode, mas não deve corrigir um aluno publicamente, deve-se procurar outras medidas para ensiná-lo. Em outros casos, alguns professores, erroneamente, coíbem a forma de falar a qual o aluno se expressa, reproduzindo um discurso atrelado ao purismo da Gramática Tradicional, contrariando os documentos da área de linguagem e os avanços advindos das pesquisas sociolinguísticas. É de suma importância dizer que a língua é dinâmica.

Para Bagno (1999 p.140):

[...] cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente. Seguindo, fazendo a crítica ativa da nossa prática diária em sala de aula [...].”

Quando se trabalha em sala de aula assuntos relativos à variação linguística surge certo preconceito, enraizado na sociedade, acerca do jeito de falar dos alunos e o professor deve estar apto a ensinar e mostrar que a fala pode ser dita de uma forma, mas que existem outras formas de se dizer, como, por exemplo, na norma padrão culta pronunciamos vassoura, mas em contextos de fala informal muitos pronunciam “bassoura”. Nesse caso, o ideal é explicar para o aluno que a sua pronúncia, não está “errada”, mas em outro contexto, mais monitorado, ele pode ser alvo de preconceito linguístico.

É importante ressaltar que “Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (cf. BORTONI-RICARDO, 2005, p.15), portanto, não há um forma “certa” ou “errada” de falar.

Para isso, o aluno deve saber utilizar sua linguagem conforme o contexto de uso. Se for apresentar ou escrever um trabalho acadêmico ou participar de uma entrevista de emprego, o mesmo deve usar a norma padrão, a mesma ensinada na escola e que está presente em livros, dicionários, jornais, dentre outros. Por outro lado, se ele for dialogar com colegas na sala ou em horários de brincadeiras deve-se usar sua própria linguagem que estão acostumados, ou seja, a norma popular.

O preconceito em relação à linguagem do outro não está presente somente dentro da sala de aula, mas na rua e até mesmo dentro de casa, desse modo o ensino de Língua Portuguesa com base na diversidade linguística tem o papel importante de esclarecer para combater preconceitos em relação à fala do outro. O trabalho com a linguagem dentro da sala de aula possibilita a compreensão dos alunos em relação à sua própria linguagem e a do outro. Para combater o preconceito é importante que os professores sejam cada vez mais investigadores e que promovam a reflexão sobre a realidade sociolinguística dos seus alunos.

Hoje existe um peso enorme que recai sobre os professores de língua portuguesa, pois a eles é atribuído o motivo pelo qual um aluno não aprende a ler ou se sua produção textual

apresenta problemas. São esses e vários questionamentos que muitas famílias fazem, pois, ao mandarem seus filhos para a escola querem que eles aprendam o “bom português”.

De acordo com Silva (2012, p.95):

No entanto, para a população em geral, para as famílias que enviam seus filhos à escola ainda prevalece a expectativa de que eles “aprendam o bom português”, já que se trata de “uma língua muito difícil”, “não é qualquer um que a conhece bem”. E sentenciam: “Hoje se fala/ escreve um português cada vez pior”. Vários autores têm se dedicado a confrontar essas questões.

O professor de Língua Portuguesa, inclusive, o das séries finais tem como missão [...] “transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação [...]” (BECHARA, 1989, p.14).

Podemos dizer que são diversas as formas de uso das variedades linguísticas e devemos ter em mente que não há uma forma “certa” de falar, pois a língua que usamos somos nós mesmos e ela está sujeita à mudanças. A comunicação é uma das principais funções da língua, então podemos falar que é a partir dela que nos instruímos, argumentamos e nos desenvolvemos, pois as línguas são heranças históricas e fazem parte da identidade e da cultura de um povo.

3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalhar a linguagem nas séries finais, como no 9º ano por exemplo é de suma importância, pois é o momento em que os alunos devem aprimorar suas capacidades argumentativas. A escolha da turma trabalhada foi exatamente de prepará-los para uma nova fase de suas vidas que é o ensino médio, o que inclui prepará-los para as provas como os vestibulares, o ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio. Sabemos que essas provas exigem certos conhecimentos, em se tratando da escrita e leitura, o que ajudará também para o campo de trabalho, na busca de um emprego, pois o que queremos é que os mesmos ampliem suas capacidades comunicativas.

Muitos professores buscam corrigir seus alunos ao afirmarem que a língua falada deles é uma língua errada, o que nos leva a concluir é que os professores devem estar abertos, ou

seja, de modo a entender a realidade de cada educando, fazer com que os alunos se sintam bem no espaço em que estão, com sua variedade linguística acolhida.

Para Bagno (2002, p 29):

“[...] nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedade de português e tenta impor a norma padrão sem procurar saber em que medida ela é na prática uma “língua estrangeira” para muitos alunos se não para todos” (BAGNO, 2006, p29).

Como já vimos em alguns tópicos anteriormente a norma padrão deve ser ensinada sim, mas a variedade falada pelo aluno deve ser considerada e ser alvo de reflexão, o que nos leva a dizer que é necessário conduzir melhor o ensino da norma padrão, trabalhar a língua portuguesa através de “erros” e “acertos”, “isto pode” ou “isto não pode” é ineficaz, de modo que as diferenças linguísticas não devem ser vistas como “deficiências” linguísticas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Nos anos finais do Ensino Fundamental, o/a adolescente participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar, no qual se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares. Essa mudança em relação aos anos iniciais favorece não só o aprofundamento de conhecimentos relativos às áreas, como também o surgimento do desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos. A continuidade da formação para a autonomia se fortalece nessa etapa, na qual os jovens assumem maior protagonismo em práticas de linguagem realizadas dentro e fora da escola.

Com base no trecho acima, podemos perceber que nas séries finais o aluno deve desenvolver sua criatividade e aprimorar ainda mais a sua capacidade comunicativa, pois é nesse momento que ele desenvolve uma maior consciência linguística. Eles percebem uma grande diferença desde o tempo que se ingressaram na escola até o momento de saída. Esses alunos devem perceber a mudança em suas habilidades de produção e interpretação de textos, bem como a importância desses conhecimentos para a vida.

4 A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE AS MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA

O trabalho de observação e coleta de dados foi realizado na turma de 9º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de língua portuguesa. No primeiro momento conversei com a

professora sobre o que eu iria fazer e logo me apresentei aos alunos. A turma de 9º ano possui 17 alunos, sendo que eles são oriundos das vicinais 17 e 18 e da própria localidade onde está localizada a escola. Trata-se de uma turma organizada e interativa, pois presenciei vários momentos de diálogos entre eles.

O objeto do conhecimento trabalhado com eles durante as observações foi a construção de textos. Nesse período observei a produção de textos e a leitura do que eles produziram. Nesse momento observei que parte dos alunos apresentaram dificuldades em separar língua falada da escrita, o que demonstra uma possível falha no processo de aquisição da escrita.

De acordo com a professora Ana Clara¹, regente da turma, a partir do momento que os alunos não conseguem separar língua falada de língua escrita, o trabalho de produção de textos é dificultado o que demandará uma atenção maior por parte do docente.

Outra professora de língua portuguesa, chamada Rosa afirmou: “certamente eles escrevem como falam, e nisso, é onde, requer todo um cuidado específico do professor ao fazer as correções e ensiná-los a norma padrão.”

Durante as observações feitas na turma de 9º ano, a professora Ana Clara esteve a todo momento presente com os alunos e às vezes ia ao quadro escrever palavras as quais os alunos tinham dificuldades de escrever. Os textos produzidos pelos alunos em sala de aula tratavam da temática Meio Ambiente. Alguns questionaram pelo fato do tema ser parecido com o de Ciências e também de Estudos Amazônicos, mas a professora explicou que a disciplina de língua portuguesa é uma matéria interdisciplinar que engloba muitas outras matérias, e explicou que o objetivo dos textos produzidos era aprimorar o trabalho com a escrita.

De acordo as observações feitas em sala de aula, tivemos acesso aos textos dos alunos, onde percebemos que eles escreviam da maneira que comunicam uns com os outros, ou seja de acordo com sua oralidade, decidimos então trabalhar somente com dois desses textos e mostrar para os alunos qual a importância de trabalhar a oralidade e a escrita na sala de aula. Segue abaixo dois trechos da produção textual dos alunos.

Texto 1:

¹ Pseudônimo utilizado para preservar a identidade da professora.

“Era uma vez dois menino que estava cuidado das planta eles estava dando vida a uma árvore quultivado uma atividade saudave eles aprede a cuidar do nosso planeta e da saúde presevando o mei ambiente é lindo quando agente ver gente cuidado das plantas e do mundo porque tem gente que não ver asi muitos destrói acabar com elas se sim enporta como elas são tão emportante pra gente hoje são poucos que ver a natureza como uma coisa bom enofecinva pra gente vamos cuidar do nos planeta como é lindo fica ai um lindo gesto de amor”

Trecho 2:

“Juntaram o lixo de novo e não adiantou eles anuciaram na rua a ir si adiantu”

“E nunca mais nimguê jogou lixo lá”

Na tabela a seguir, listamos um pequeno conjunto de fenômenos variacionistas comuns na língua falada e que estão presentes nos textos dos alunos:

Quadro 01: exemplos de marcas de fenômenos variacionistas presentes nos textos dos alunos.

TIPO DE VARIAÇÃO	EXEMPLO(S)
1) Concordância nominal (ausência)	“dois menino”, “das planta”
2) Alternância NÓS/A GENTE	“pra gente”
3) Natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita	“Enporta” (importa), “quultivado” (cultivando), “mei” (meio), “saudave” (saudável),
4) Nasalização (apagamento)	“anuciaram”
5) Elevação das vogais pretônicas	“enporta”, “enofenciva”, “enportante”

A professora responsável avisou que iria corrigir os textos e devolveria aos alunos para a reescritura, pois podemos perceber que os textos feitos pelos alunos com trechos em desacordo as convenções da escrita, ou seja, as marcas da oralidade estavam presentes em suas escritas.

Todos os fenômenos observados nos textos escritos dos alunos poderiam ser alvo de discussão em sala de aula, seja para mostrar a diferença entre o domínio da língua falada e da

língua escrita ou para mostrar a forte interferência da fala no texto escrito. “Também há possíveis casos de hipercorreção, quando o falante levanta uma hipótese equivocada para ajustar-se à norma padrão” (BORTINI-RICARDO, 2004), a exemplo de “enporta”, “enofenciva” ou “enportante”. É importante ressaltar que a hipercorreção é um processo que leva a corrigir também quando não se deve corrigir. Ou seja, na tentativa de ser correto, corrige-se demais.

Dessa forma, o professor poderia aproveitar os dados escritos dos alunos para tratar de variação linguística, dedicando um tempo na aula de língua portuguesa para debater a concordância nominal e verbal, a variação no sistema pronominal do Português Brasileiro, o que incluiria o debate sobre o uso de “nós” e “a gente”, além do debate sobre as características que diferenciam a fala da escrita, o que ensejaria um trabalho de reescrita dos textos dos alunos, em que o professor apontaria os problemas, explicaria a forma adequada e traria para o debate a variação linguística.

Para se ter uma noção do ensino linguístico nas disciplinas de língua portuguesa na escola, Bagno (2002, p.80) afirma:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística.

Com relação ao que o autor disse, as escolas devem considerar como principal objetivo o ensino de língua portuguesa elevar a capacidade comunicativa dos alunos, para que eles possam utilizar a linguagem em diversas situações sócio-comunicativas e para isso, o aluno deve observar a diferença entre a linguagem oral e a linguagem escrita, assim como a influência do elemento variacionista.

4 A VISÃO DAS PROFESSORAS SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

As professoras Ana Clara e Rosa são professoras de língua portuguesa, a primeira atua nas séries de 7º a 9º ano e a segunda somente na turma de 6º ano, mas já ministrou aula para o 9º ano. As professoras nos receberam cordialmente na instituição onde trabalham.

Com relação as dificuldades dos alunos aprenderem a norma padrão na escola, a professora Ana Clara nos falou que a falta do hábito da leitura é um dos principais motivos que faz com que os alunos apresentem as dificuldades apresentadas na seção anterior. Já a professora Rosa afirma que os alunos apresentam dificuldades e que os mesmos não estão errados por falarem de forma coloquial, mas alerta que há regras e normas ao escrever e que elas devem ser seguidas.

Sobre os professores lidarem com a variação linguística dentro da sala de aula, a professora Ana Clara nos contou que ela tenta ao máximo preservar a individualidade de cada aluno, fazendo com que percebam que além das diferenças, existe a norma padrão na língua portuguesa as quais ambos devem seguir.

Sobre corrigir o aluno publicamente as professoras divergiram;

A professora Ana Clara afirmou:

“Não se corrige a fala de ninguém. Cada um tem seu jeito, que representa sua origem dentre outras coisas. O falar de uma pessoa não tem a ver com a gramática, essa sim corrigimos se necessário, mas quando está no papel em sala de aula, a fala não tem a ver com isso nesse sentido.”

Já a professora Rosa afirma:

“É errado, pessoas que agem assim, são sem ética profissional. Devemos corrigi-los sim, mas em particular e com carinho.”

Se o aluno disser “bassoura” em vez de vassoura, de acordo com a professora Ana Clara, não há problema algum, desde que ele saiba o significado da palavra a qual ele disse estaria tudo certo, já a professora Rosa comenta que guardaria a palavra em mente, esperaria o aluno terminar de falar, chamaria o aluno em particular e explicaria para o mesmo que não era correto dizer em público a palavra naquele exato momento.

Existem alunos que tem preconceito em relação à fala do próximo e alguns profissionais também possuem certo preconceito quando determinado aluno fala algo fora da norma padrão. Segundo as professoras, o preconceito linguístico precisa ser combatido nas escolas.

A professora Rosa deixa claro que aqueles que discriminam a língua devem entender o mínimo que essa cultura do falar representa, e prossegue:

“Ninguém fala “certo” ou “errado”, mas sim de acordo com aquilo que a sua região, cultura e classe social lhes proporcionam” (professora Rosa).

“Acho que a chave para a resolução de todos os tipos de preconceito é o conhecimento, a informação. A partir do momento que se conhece e entende, automaticamente se cria uma empatia. E esse ato de se enxergar no próximo é a chave da aceitação”. (Professora Ana Clara)

Foi possível observar na fala das professoras que devemos manter o respeito a cultura do falar do próximo, conhecer e se colocar no lugar do outro, além de combater o preconceito linguístico, que de certa forma é um preconceito social, de modo que esse preconceito não seja um instrumento de exclusão e sim um ponto de partida para um debate produtivo acerca da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho surgiu durante os estágios feitos no Tempo Comunidade do Curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará. Durante as pesquisas realizadas na Escola Grande Esperança km 50 percebi as dificuldades dos alunos com a escrita e também as marcas da oralidade transpostas para o texto escrito. Os alunos em sua maioria produziam seus textos da mesma forma que dialogam uns com outros, o que poderia ser um ponto de partida para discutir a variação linguística.

Ao tratar sobre o assunto de diversidade linguística com os alunos, o que pretendemos basicamente é que eles compreendam a diferença de uso de uma determinada variedade, ou seja a variedade padrão e a variedade popular ou coloquial, assim como saber como e quando usá-las. Para os professores o que dificulta a aprendizagem dos alunos é basicamente a falta do hábito da leitura.

Para se ter dados dessa realidade fomos fizemos observações em sala de aula e conversamos com os professores sobre a variação linguística. Percebe-se que há uma grande diversidade linguística na escola Grande Esperança, e o que basicamente queremos é que os alunos entendam que temos a linguagem informal conhecida popularmente como coloquial e a linguagem padrão ou culta.

Visamos com este trabalho conhecer muito mais sobre a variação linguística e mobilizar os educandos a terem noção disso e estimular o debate entre os professores. Como já falamos durante este trabalho, alguns professores e também alunos transparecem preconceito em relação à fala do outro e sabemos que a solução para esse problema é exatamente conhecer e respeitar.

O ensino da diversidade linguística contribui para “combater” tais preconceitos e olhares diferentes a fala do outro, e que o professor, principalmente o de língua portuguesa deve ensinar que essa diversidade da língua é natural e que não pode ser desvalorizada, mas sim explicada e debatida, para que os alunos consigam compreender as nuances que permeiam a linguagem, em sua modalidade oral, usada entre conversas de colegas, famílias e outros para a norma padrão culta, utilizada, por exemplo, para um trabalho formal escrito e apresentações de trabalhos em classe.

Como já foi dito anteriormente nesse trabalho, os professores devem buscar diversas maneiras de ensinar o aluno e compreender suas necessidades e seu contexto sociocultural. O primeiro passo é fazer com que o aluno consiga refletir sobre a sua própria língua, o segundo passo é fazer com que os alunos exercitem o trabalho de escrita e reescrita, de modo a ampliarem seus vocabulários e aprimorem as suas próprias capacidades comunicativas, ressaltando, por exemplo, a presença de marcas de oralidade nos textos escritos e que essas marcas podem ser explicadas através de regras variáveis.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A inevitável travessia: da prescrição gramatical a educação**. In: Bagno, M.; Stubbs, M.; Gagné, G. Língua materna, letramento, variação e ensino. Parábola Editorial, São Paulo, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade? 4 ed. São Paulo: Ática, 1989.

BORTONI- RICARDO. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares nacionais terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

TENFEN, Danielle Nicolodelli. Editorial: Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 33, n. 1, abr. 2016. ISSN2175-7941. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2016v33n1p1>>. Acesso em: 11 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7941.2016v33n1p1>.

SILVA, Vera Lucia Paredes Pereira da. **Gramática, uso da língua e ensino** -Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e tecnológico, 2012.

VERDÉRIO, Alex. **A pesquisa em processos formativos de professores do campo: a licenciatura em educação do campo UNIOESTE (2010-2014)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós graduação em educação Curitiba, 2018.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO–LINGUAGEM E CÓDIGOS
PESQUISA DE CAMPO PARA PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A DISCIPLINA DE
PORTUGUÊS

- 1) Os alunos apresentam dificuldades para aprender a norma padrão na escola?

- 2) O modo de falar dos alunos dificulta a aprendizagem da escrita?

- 3) Como você lida com as variedades linguísticas dos alunos em sala de aula?

- 4) Há algum(uns) procedimento(s) metodológico(s) que o professor utiliza para ensinar a norma padrão em sala de aula? Dê exemplos.

5) O que você pensa sobre a atitude de um docente que corrige a fala de um aluno publicamente?

6) Como os professores devem reagir se o aluno lesse bassoura em vez de vassoura?

7) Em sua opinião, quais medidas a escola deve tomar para lidar com o preconceito linguístico?

Textos produzidos pelos alunos da EMEF Grande Esperança

